

La semiótica greimasiana de la escuela de París se ha implantado a lo largo de estos últimos treinta años en el Continente Latinoamericano, principalmente gracias a la ardua labor de profesores e investigadores de las principales universidades de estas tierras, que trabajan por desentrañar aquello que los discursos ocultan celosamente y transmiten a sus estudiantes los saberes adquiridos y los cuestionamientos que interrogan a las teorías y metodologías de vocación científica.

Esta primera entrega de *Perfiles Semióticos* es un homenaje a Algirdas Julien Greimas, maestro fundador de esta modalidad de hacer semiótica. La eficacia heurística de su teoría fuerte, se muestra y se despliega a lo largo de este número en el que discípulos directos y seguidores, se plantean problemas y analizan los textos para centrar sus interrogaciones en variados tipos de textos de la producción significativa de América Latina. En búsqueda de identidades, mestizajes, variantes e invariantes, este conjunto de trabajos nos dirigen hacia la mejor comprensión de nuestro estar en el mundo y en la historia.

Coordinadoras:
Diana Luz Pessoa
Teresa Espar



Greimas en América Latina: Bifurcaciones

Textos de:

ENRIQUE BALLÓN AGUIRRE, WALDIR BEIVIDAS, KATI ELIANA CAETANO, RAÚL DORRA, TERESA ESPAR, DIANA LUZ PESSOA DE BARROS, JOSÉ LUIZ FIORIN, MARÍA ISABEL FILÍNICH, ROBERTO FLORES, MARIA DA GRAÇA KRIEGER, IVÁ CARLOS LOPES, PAULO EDUARDO LOPES, DANUTA TERESA MOZEJKO, LIDDY PALOMARES DE MENDOZA, EDUARDO PEÑUELA CAÑIZAL, LUISA RUIZ MORENO, LUIZ TATIT, LUCIA TEIXEIRA, DANIELLE TRIAY.



Con este número 1 de la revista *Perfiles Semióticos* el Grupo de Investigaciones Semiolingüísticas de la Universidad de los Andes, una vez consolidado después de más de veinte años el trabajo del grupo, pretende abrir sus páginas a todos aquellos que se interesan por el problema de las significaciones sociales y culturales y por los fenómenos artísticos en todos los centros de investigación que estén interesados en compartir la búsqueda de los saberes sobre el lenguaje y sobre los lenguajes.

La colección *Perfiles Semióticos* va a realizar sus labores orientada hacia tres vertientes fundamentales del trabajo editorial: una *revista* bianual, cuyo número uno sale al público interesado; una colección *estudios* donde serán publicados libros especializados y tesis doctorales; una colección *traducciones* en la que aparecerán textos fundamentales del área de las ciencias de la significación y a los cuales no tienen acceso todos los investigadores interesados.

Perfiles Semióticos

UNIVERSIDAD DE LOS ANDES

AUTORIDADES UNIVERSITARIAS

Genry Vargas Contreras

Rector

Manuel Hernández

Vicerrector Académico

Julio Flores Menessini

Vicerrector Administrativo

Gladys Becerra

Secretaria

CONSEJO EDITORIAL

DIRECTORA

Teresa Espar

Coordinación editorial
Ondina Rodríguez Briceño

CONSEJO DE REDACCIÓN

Liddy P.de Mendoza

Valmore Agelvis

César Paredes

Belford Moré

Danielle Tiay

Teresa Espar

María Aguirre Gil

Vaskén Kazandjian

Elvira Ramos

Ondina Rodríguez Briceño

COMITÉ CIENTÍFICO INTERNACIONAL

Raúl Dorra (México)

Luisa Ruiz Moreno (México)

Jacques Fontanille (Francia)

François Rastier (Francia)

Diana L. Pessoa de Barros (Brasil)

José Luiz Fiorin (Brasil)

Enrique Ballón Aguirre (Perú- USA)

Louis Panier (Francia)

Anne Hénault (Francia)

Helena Usandizaga (España).

Waldin Beirós
11/04

2003

Perfiles Semióticos

Greimas en América Latina: Bifurcaciones

COORDINADORAS:

Diana Luz Pessoa

Teresa Espar

UNIVERSIDAD DE LOS ANDES
EDICIONES DEL RECTORADO
GRUPO DE INVESTIGACIONES SEMIOLINGÜÍSTICAS (GIS)
CDCHT

Perfiles Semióticos
Greimás en América Latina: Bifurcaciones
Primera Edición, 2003

DE ESTA EDICIÓN:
Universidad de Los Andes
Ediciones del Rectorado
©Grupo de Investigaciones Semiolingüísticas (GIS)
CDCHT
Mérida – Venezuela

DISEÑO, DIAGRAMACIÓN Y CUIDADO DE LA EDICIÓN:
José Gregorio Vásquez C.

IMPRESIÓN:
Talleres Gráficos Universitarios
Mérida, Venezuela, 2003

HECHO EL DEPÓSITO DE LEY:
Depósito Legal: pp200302ME1531
ISSN:1690-5768

Reservados todos los derechos

Impreso en Mérida / Venezuela

Índice

Presentación	11
De la semántica componencial a la semántica interpretativa (el léxico agrario andino)	17
ENRIQUE BALLÓN AGUIRRE	
Corpo, semiose, paixão e pulsão. Semiótica e metapsicología	43
WALDIR BEIVIDAS	
A poética al dente de Manoel de Barros - O literário fotográfico ..	63
KATI ELIANA CAETANO	
Para una semiótica del llanto	77
RAÚL DORRA	
El escepticismo de los herederos de Greimas	101
TERESA ESPAR	
Semiótica e interação	119
DIANA LUZ PESSOA DE BARROS	
O contrato de veridicção no romance	137
JOSÉ LUIZ FIORIN	
Narración y descripción: deslindes enunciativos	153
MARÍA ISABEL FÍLÍNICH	

Presuposición y progresión narrativa en un discurso publicitario. 171	
ROBERTO FLORES	
A semântica estrutural e a semiótica greimasianas: fundamentos para a Lexicografia e a Terminologia 189	
MARIA DA GRAÇA KRIEGER	
Colonizadores, colonos, colonistas do Brasil 209	
IVÁ CARLOS LOPES	
Semiomarketing. Contribuições da semiótica para o marketing. 225	
PAULO EDUARDO LOPES	
Aportes para una teoría de la enunciación 241	
DANUTA TERESA MOZEJKO	
Recuento semiótico 259	
LIDDY PALOMARES DE MENDOZA	
La visualidad sonora en un autorretrato de Frida Kahlo 283	
EDUARDO PEÑUELA CAÑIZAL	
Figuras de la carencia en los lienzos de Santa Cruz, Tlaxcala 305	
LUISA RUIZ MORENO	
O gr de Greimas: Um estudo do destinador transcendente 327	
LUIZ TATIT	
Crítica de arte e formação de opinião 351	
LUCIA TEIXEIRA	
El Vizconde de Valmont. El gran "escribidor": Semiótica y estilo 367	
DANIELLE TRIAY	

Agradecimiento

La naciente revista *Perfiles Semióticos* abre con este número una colección que será testimonio de la universalidad de la investigación en las ciencias de la significación y del sentido.

Por esta razón deseamos agradecer el gesto académico del Rector de la Universidad de los Andes, Profesor Genry Vargas Contreras, que ha tenido a bien patrocinar y avalar con el emblema institucional esta publicación en homenaje a Algirdas Julien Greimas, maestro y fundador de una verdadera escuela, que extiende sus preguntas sobre las significación de las culturas locales a lo largo y ancho de las universidades y otros centros de búsqueda del saber del mundo contemporáneo.

Nuestro reconocimiento no es más que la puesta en evidencia de los valores éticos que rigen el devenir del conocimiento.

Corpo, semiose, paixão e pulsão. Semiótica e metapsicologia

WALDIR BEVIDAS

Il y a de boîtes noires un peu partout.
Greimas

1. INTRODUÇÃO

A oportuna e elogiável iniciativa dos editores e coordenadores deste número de revista dedicado à herança greimasiana na América Latina dá-nos a ocasião de testemunhar que a teoria semiótica se prolonga e se faz não apenas na sede, mas também em rincões distantes, em trabalhos e «bricolages» que procuram *testar* as hipóteses já lançadas na teoria, por vezes *contestar* umas ou outras, até mesmo *protestar*, vez ou outra, perante algumas formulações ou rumos para onde as pesquisas apontam. Tudo isso vem exigido pela própria natureza da teoria que, se reclama para si uma vocação científica, em coletividade, só pode sê-lo ao preço de contínua vigilância, de permanecer sempre em alerta — *aux aguets*, dizem os autores de *Sémiotique des passions*— frente “às suas próprias lacunas e fragilidades, para preenchê-las, para retificá-las” (1991: 7), enfim, para reparar —no duplo sentido de observar e consertar— os «buracos negros» deixados até então nas suas teorizações sobre o vasto mundo do sentido, esse fenômeno, bem observou Greimas, de “efeitos estranhos, retumbantes” (*étranges, retentissants*) (1987a: 76). Tudo isso vem exigido, em suma, por uma teoria cuja maior virtude é proclamar-se em estado de permanente construção.

Ora, como essa construção, ou o «progresso científico» que se possa dela esperar, não é questão de mera *aplicação* de modelos já propostos —um pouco à maneira de laboratórios de experimentação, à base tecnológica— mas questão de cérebro, trabalho de cabeças, isso acarreta a inelutável *implicação* do pesquisador, perante os modos como vê a teoria se construir. Acarreta suas convicções, seus entendimentos, suas informações, bem como seus mal-entendidos, desinformações, sobre os objetos que ela trama. Noutros termos, é toda sua *episteme de formação*, até então adquirida, que se vê implicada nessa tarefa de construção, entre fascinações temperadas com pitadas de decepções. Também ele é um sujeito «inquieto», tensivo, tal como o sujeito inquieto e tensivo que a teoria procura descrever. É assim que me afetam as exigências maiores que, para Greimas, importavam “acima de tudo” ao semioticista: “[a] a conformidade dessas idéias [isto é, das idéias que ele empresta ‘dos outros’ como ‘informações heurísticas de segunda mão’] com o que ele *crê* ser o estado atual de sua disciplina... [b] a exigência íntima que ele lhe põe de ‘agarrar a realidade’” (1970: 11. Itálicos meus).

Desse modo, é como sujeito «inquieto», fascinado tanto quanto apreensivo, que apresento o modo como venho entendendo o estágio atual das pesquisas semióticas, no que se refere aos novos entendimentos sobre a semióse, voltada ao *corpo-próprio*, esse novo lugar de ancoragem do sentido (em substituição ao *texto*, de outrora). O interesse dessa visita à semióse me importa sobretudo pelo fato de que venho trabalhando a semiótica, numa interface com as “idéias dos outros”, como informações heurísticas de segunda mão, no caso, com a psicanálise freudo-laciana, mais precisamente com sua instância «metapsicológica», tendo em vista os objetivos de (a) para pleitear o direito de cidadania ao reconhecimento de uma região do sentido, ainda mal visitada pela semiótica até hoje, região *pulsional*, que a psicanálise reivindica como do inconsciente, quem sabe (b) para aí podermos também nos deparar com efeitos estranhos e retumbantes de sentido, quem sabe (c) para levar a semiótica a «morder» um pouco mais da realidade do psiquismo inconsciente de maneira menos tímida, ou omissa, do que até hoje.

2. E O SENTIDO SE FEZ CARNE

Uma formulação feliz caracteriza com propriedade o movimento interno das pesquisas semióticas nas últimas duas décadas. É Landowski quem nos apresenta —não importa aqui o grau de seu engajamento nisso— quando, na abertura do texto *Le corps de la nouvelle* de G. Marrone, atesta a situação “como se de um século a outro tudo o que era *verbo* se tivesse feito *carne*” (2000: 5). O texto deixa de ser “ponto de partida” e “ponto de ancoragem de nossas vociferações” sobre o sentido, sobre a semióse, como pleiteava vivamente Greimas, nos anos 70 e 80, juntamente com sua famosa expressão: “fora do texto não há salvação” (*hors du texte, pas de salut*) (1987: 302, 311)¹. Cede a vez e o lugar para o próprio *sujeito* da enunciação e, mais que isso, para aquém, para a região do seu *corpo-próprio*, como lugar de primeira emergência das precondições do advento do sentido, como lugar de mediação necessária na passagem dos «estados de coisa» de um mundo real para os «estados de alma» de um mundo significante.

A problemática da narratividade, das modalidades, da discursivização, figurativização... —todas elas congruências estruturais fortemente amarradas à substância mesma do discurso (de papel)— vê-se transportada para a arena onde o discurso *toma corpo*, literalmente, faz-se carne, a exigir reflexão mais centrada na sensibilização, na percepção (intero-externo-proprioceptiva), na tensividade ou na foria —todos estes dispositivos ou mecanismos «ceptuais» (cunhemos a expressão, a partir de *capio, cepi, captum*, para abrangê-los todos) amarrados à substância mesma do corpo-próprio, como semióse em ato, tensiva, em presença, em situação, vivência de experiência, enfim, discurso da vida (os semioticistas reconhecerão nos termos, cada qual, suas opções e ênfases).

Ora, numa corrida ou mergulho às nascentes «corporais» do sentido —ou “descida aos infernos da substância”, cito de memória uma expressão de J. Petitot— a questão é ponderar até que profundidade a semiótica tem fôlego de ir, sem deixar-se afogar na ontologia do *húmus* mas preservar a pertinência do seu *homo*, isto é, a «existência semiótica» do humano, à escala humana; a questão é manter-se no “horizonte

intransponível” –ainda que ao menos para preservar a “homogeneidade do lugar” tanto quanto a “pertinência do olhar”, como o propõem os autores do *Sémiotique des passions* (1991: 324)– sem atravessar o umbral ôntico, além do qual o semioticista perderá pé, como mau filósofo, a vociferar sobre o «ser do ser» da ontologia final, ou enquanto mau hermeneuta, a legiferar sobre o derradeiro «sentido do ser»; difícil, nesse mergulho às raízes corporais do sentido, no corpo-próprio, é manter-se no desafio, já enorme e incomensurável, de descrever as infinitas micro- e macro-realidades estruturais do «ser do sentido» e sua emergência no corpo-próprio.

O desafio à semiótica presente é, pois, não apenas o de ancorar o sentido no corpo, isto é, aquilo que, do sentido, pode regredir ao corpo, às coerções dos sentidos, tanto quanto aquilo que, como emanções do corpo, ou dos sentidos, *cabe ao sentido*, adentra o universo significante, enquanto somações do corpo passíveis de serem «fisgadas» como semiotizadas ou semiotizáveis. Noutros termos, no trajeto de mão dupla –do *sentido ao corpo* e do *corpo ao sentido*– o desafio maior é preservar a pertinência do olhar semiótico. Nesse entendimento, uma física do sentido –de imediato imantada, pelo que se exige, ao universo imediatamente “anterior”, seu primeiro umbral “mais acima”, das neurociências, isto é, aos dispositivos eletroquímicos e potenciais de valências das sinapses «estúpidas», que «só fazem o que sabem fazer»– em que pesè seu interesse enorme para o enraizamento substancial do corpo em geral, não me parece poder preservar esse olhar pertinente e homogêneo, sem dúvida *problemático*, não me parece responder satisfatoriamente sobre esse lugar ou umbral, talvez indecidível para sempre, a partir do qual de alguma forma e em algum lugar do corpo *fiat sensus*.

3. DA FUNÇÃO SEMIÓTICA À «SEMIOCEPÇÃO»

A passagem do texto, do discurso de papel, para o sujeito ou para o corpo de carne, como novo ponto de partida e ancoragem das nossas vociferações sobre o ser do sentido, o exame de suas condições

de emergência, vem acompanhado ultimamente de uma reavaliação da função semiótica ou *semiose*. Esta se tornou mais densa, incorporou a necessária « mediação do corpo » (*Sémiotique des passions*), ficou mais encorpada. Como bem o sintetizou J. Fontanille, na abertura do texto de M. Castellana (1998: 3-4), a função semiótica deixou de ser apenas o “resultado” de um acoplamento dos dois planos para ser vista, primeiramente, como um *conjunto de atos* efetuados pelo sujeito em sua *práxis* enunciativa. Ao entendimento da semiose como pura relação lógico-semântica de pressuposição recíproca entre os dois planos da linguagem –função executada, digamos um tanto a frio, por um operador autômato, lógico-cognitivo, até certo ponto distante, quase mero espectador da cena “quente” da semiose– se substituiu a concepção que vê na semiose o próprio lugar de engajamento do sujeito, mediado pelas coerções *ceptuais* (intero-extero-proprioceptivo), pela sua sensibilidade, tensividade..., enfim o ato da semiose como engajamento vivenciado e integral do sujeito da enunciação, mediante seu corpo-próprio.

Nessa reavaliação da semiose, vimos serem recuperadas, e novamente privilegiadas na reflexão, as primeiras definições greimasianas sobre a articulação das estruturas elementares da significação, sobre a *percepção* –lugar não lingüístico da sua apreensão (Greimas, 1966: 8); vimos serem repostos em cena os mecanismos da *interocepção*, da *exterocepção*, da *propriocepção*, outrora julgados de inspiração “por demais psicológica”, por Greimas e Courtés (1979: 191). Vimos a semiose ser deslocada da posição funcional, lógico-função, em Hjelmlev, e mesmo deslocada da região talvez um pouco demasiadamente «cognitiva», no passeio que Greimas, em colaboração com F. Rastier, sugeriu, por entre os pólos do quadrado semiótico, na forma da “dupla pressuposição dos dois esquemas” (Greimas, 1970: 140). A semiose se viu regredida às instâncias da timia profunda, da foria primeira, da tensividade fundante.

E aqui as proposições rivalizam: será o ato de semiose primeiramente o lugar das “pulsões ainda a-semânticas”, região das pregnâncias proto-tímicas, extraídas da leitura catastrofista e metapsicológica que lhe oferece J. Petitot, a pleitear o sentido como

morfogênese emergindo do seu enraizamento bio-eco-etológico (Cf. 1985a, 1985b, 1999)? Será a semiiose mais bem fundada, como propõe P. Ouellet (1992), nos *noemas* husserlianos, como “vivência de ato noético” ou *vivência noemática*, nas *variações eidéticas*, a comporem as congruências entre o interoceptivo e o exteroceptivo com o «entrelaçamento» do proprioceptivo? Quem sabe não seja melhor a proposta de J.-M. Lemelin a buscar no conceito de «disponibilidade» heideggeriano as pré-disposições inaugurais do sujeito à semiiose:

Antes de toda percepção, sustenta Lemelin, (e, pois de toda cognição), antes de toda semiiose, há investimento tímico do objeto pela imaginação. Não há outra pregnância – o nível 0 – senão esse investimento, que é assim a ‘disponibilidade’, a (pré-)disposição, que precede toda precondição e toda operação perceptivo-cognitiva ou cognitivo-perceptiva (da ordem da saliência ou da passância). (“*Métabiologie et métapsychologie*” – texto em home page cf. bibliografia ao final).

Todas essas vieram competir com a proposição, anteriormente dada, dos autores do *Sémiotique des passions* (1991) – que reivindica com J. Fontanille maior «prudência» no entendimento da semiiose como emergindo das *precondições* do sentido (1992: vii) –, da valência aquém dos valores, do pressentimento aquém dos afetos, nível das direções, vetores, zonas energéticas, forças apenas esboçadas, tudo ao modo de ondulações, sombreamentos, efeitos-foco (*effet de visée*), efeito-fonte (*effet source*) ou efeito-fim (*effet but*), «horizonte de tensões apenas esboçadas», lugar não de actantes, mas de protótipos, não de sujeito ou objeto, mas de quase-sujeito, quase-objeto, lugar emergente das «potencialidades» de atrações e repulsões, tudo enfim no desafio, quase desesperante, de pôr o dedo, por assim dizer, no barro adâmico mesmo da menor oscilação do sentido (*ébranlement du sens*) (Greimas e Fontanille, 1991, *passim*).²

A questão está longe de ser resolvida. É enorme o problema de encontrar explicação satisfatória para esse *big-bang* do sentido, no corpo-

próprio. De minha parte, isto é, do ponto de vista do que *creio* mais rentável para o trabalho descritivo e progresso da semiótica, quanto aos efeitos estranhos e retumbantes do sentido, penso atualmente que a orientação que procura fazer a semiiose «elevar o umbral» e regredi-la à auto-organização da matéria, que procura esticar o estatuto do semiótico até mesmo às “reações físico-químicas complexas que constituem o metabolismo de um organismo biológico” (Petitor: 1999: 129), não me parece a estratégia mais viável de trabalho. A meu ver, criar uma pertinência de largo espectro, ou *pertinência maior*, para o semiótico, mesmo que evite a peça do provérbio “quem tudo quer nada tem”, extrapola a competência do semioticista, por levar a semiótica a cobrir os quatro cantos da inteligência do mundo, da física geral à biologia minúscula.

Por sua vez, a solução dos autores do *Sémiotique des passions* e, em complementação ou aprimoramento, a de P. Ouellet, também deixa no ar dificuldades incômodas. Com efeito, J. Fontanille contesta em P. Ouellet o fato de que a proprioceptividade não possa ser agregada como um *novo valor noético*, um “valor acrescentado” como emergência «suplementar» no entrelaçamento com a interoceptividade e a exteroceptividade (1992: vi-vii). A seu ver, isso seria contraditório com a idéia da proprioceptividade como “condição de acesso” ao mundo do sentido; pergunta-se então se não seria necessário examinar, antes, de que maneira a proprioceptividade poderia assegurar, *homogeneamente*, tanto a expressão da intero e da extero, como da proprioceptividade em si mesma. Ora, juntamente com Greimas, Fontanille assegurava que a mediação do corpo «acrescenta» (*ajoute*) ao processo da semiiose o «perfume tímico» proveniente das categorias proprioceptivas (1991: 12). Noto aqui, salvo equívoco, o mesmo acréscimo ou suplemento que critica em Ouellet.

Por outro lado, a homogeneização ou homogeneidade da existência semiótica, tão cara e necessária de ser obtida ou preservada pela entrada do corpo na semiiose, também não fica satisfatoriamente explicada. Parece contentar-se mais como petição de princípio do que como algo demonstrado. Com efeito, em *Sémiotique des passions*, ela tem entrada na forma de um “reconhecimento”: “reconhecimento de

uma dimensão autônoma e *homogênea*, de um modo de existência semiótica”, “reconhecimento da *homogeneidade* fundamental do modo de existência das formas semióticas” (1991: 10). Em seguida, retorna sob a forma de uma «sugestão»: “sugerindo como... sua homogeneidade interna pode ser vislumbrada” (p. 12); logo após, instala-se como momento já assegurado: “a mediação do corpo... acrescenta, quando da *homogeneização* da existência semiótica, categorias proprioceptivas”, mais que isso, produzindo já efeitos importantes, em que pese ser lançada ainda “a título de hipótese”: “esse processo de *homogeneização* pelo corpo —com suas conseqüências tímicas e sensíveis— não poupa nenhum universo semiótico” (p. 12); no mesmo parágrafo, fica encarregada da “suspensão do liame que conjunta as figuras do mundo com seu significado extra-semiótico” (p. 12). Retorna adiante como uma “postulação”: a homogeneização do intero e do extero por meio do proprioceptivo vai ter a tarefa nada pequena de *instituir* “uma equivalência formal entre os «estados de coisa» e os «estados de alma» do sujeito” (p. 13-14). Por fim, não só institui a equivalência, mas também se apresenta como um *lugar*, uma “dimensão semiótica da existência *homogênea*”, onde “se reconciliam” por meio da mediação somática os estados de coisa e estados de alma do sujeito (p. 14)³.

Como se vê, a homogeneidade se instalou no seio da semiiose um tanto a frio, com a fragilidade de um reconhecimento, postulação, sugestão, constatação... ainda a merecer melhor crítica e desenvolvimentos pelas pesquisas a vir. No entanto, apesar disso, a sua proposição tem a vantagem, perante a proposta da *pertinência maior*, vista acima, de situar o campo de exercício semiótico —a exigir portanto alguma homogeneidade mais bem introduzida— numa região de *pertinência menor* ou pertinência de fino espectro, numa alocação de tarefas mais plausível (ao semioticista). Diante dessas propostas todas, de minha parte considero útil lançar à discussão interna do campo uma outra maneira de conceber a semiiose, num limite de pertinência nem além nem aquém do sentido, de um lado sem esfoliá-lo continuamente até a região ínfima do *bios*, e da matéria bruta do Real, isto é extrapolar a pertinência do semiótico e, de outro, sem se perder no

emaranhado entrelaçamento «ceptivo» das suas (justas) reivindicações frente ao corpo, à percepção, à sensibilidade.

Na leitura que faço das tentativas de equilibrar esse tripé perceptivo —interocepção, exterocepção e propriocepção—, conquanto admitamos hoje que ele já não apresenta mais o cunho por demais psicológico, denunciado por Greimas e Courtés (*cf.* acima), temos de confessar que suas fronteiras, sua incidência entrelaçada no corpo, suas áreas de abrangência, são difícil e insatisfatoriamente delimitáveis. Difícil satisfazer-se com a postulação de uma hierarquia ou antecedência (lógica? epigenética?) entre eles; difícil também aceitar mansamente a hipótese de uma suplência ou acréscimo —o proprioceptivo conferindo «perfume tímico» à semiiose. Por sua vez, também o conceito de *percepção*, mesmo depurado de seus psicologismos pelo trabalho da filosofia (Husserl, Cassirer, Merleau-Ponty), juntamente com aquele de *intencionalidade*, prestam-se a reconhecida dificuldade. Suas definições pecam ora por elasticidades amplas ora por contração demasiada, já difíceis de controlar dentro do próprio campo da filosofia, revelando o mais das vezes pouco consenso entre os seguidores desses filósofos na delimitação e demarcação dos seus «raios» de ação específicos.

Posta assim a dificuldade —e confessando de saída incompetência no campo da «filosofia eterna»— proponho à discussão se, por medida de simplicidade, não seria mais operatório, no rendimento descritivo do advento do sentido, lançarmos mão de uma demarcação mais categórica, de antemão, entre o que *não tem* e o que *tem* existência semiótica, entre o que é *a-significante* (o mundo das coisas) e o que é «fisgado» (*saïsi*) por uma mente que opere um trabalho mental de *semiocepção*. À semiótica não importaria tanto que os estímulos que invadem a mente fossem (a) exógenos, captados exteroceptivamente do mundo, estímulos sensoriais externos chegados ao corpo, que fossem (b) endógenos, estímulos sensoriais e somáticos internos, sensibilidade proprioceptiva proveniente do «fundo» do corpo, ou ainda que fossem (c) «interógenos» ou interoceptuais, da mente profunda e suas coerções cognitivas. Importaria sim se quaisquer deles, isolados ou em concerto, fossem fisgados como *sentido*, semioceptizados.

Não é tudo o que o olho capta no horizonte, como registro ótico, que se transforma numa semiocepção visual, isto é, *significante*. E às vezes há um poderoso efeito de sentido construído justamente numa «falha» de captação visual. Neste exato momento, em que escrevo, vejo o sol, seus raios atravessando as árvores e arbustos, levanto a cabeça e percorro várias vezes o horizonte de mata frente à janela, mas minha semiocepção se concentra no raciocínio que aqui me ocupa. Esse olhar que se esparrama, não pensado, não fisgado, sem me tirar a atenção semioceptiva do raciocínio, é ele um olhar «significante»? Faz parte, nesse estatuto, de uma existência semiótica, no sentido da *pertinência menor*, vista acima? Respiramos continuamente, sequer notamos a imensa complexidade rítmica, muscular, tensiva, que os órgãos do corpo executam. É uma operação multiplamente «ceptiva». Mas, no caso banal, é ela *semio-ceptiva*? Comparemos essa respiração, autômata, a-significante, assemantizada, com a forte semiocepção que lhe confere o asmático. A crise de asma é bom exemplo —Fontanille analisa as micro-narrativas e modalizações fortemente tensivas do caso (1989)— para ilustrar a linha divisória bem delimitada —e legítima, penso, do ponto de vista teórico— entre uma respiração assemantizada, arriscaria «a-ceptizada», e uma respiração tensivamente sôfrega, semioceptizada.

Uma ilustração mais saborosa pode-se provar num exemplo onírico que Freud apresenta no capítulo de abertura de sua *Interpretação dos Sonhos* (1973), em que percorre a literatura científica de sua época sobre os sonhos. O criador da psicanálise discorre nesse momento sobre o papel dos “estímulos sensoriais externos” na formação dos sonhos. Relata um sonho de Maury, tornado célebre (de resto bem representativo da mobilização do psiquismo onírico):

Hallándose enfermo en cama soñó con la época del terror durante la Revolución Francesa, asistió a escenas terribles y se vio conducido ante el tribunal revolucionario, del que formaban parte Robespierre, Marat, Fourquier-Tinville y demás tristes héroes de aquel sangriento período. Después de un largo interrogatorio y de una serie de incidentes que no se fijaron en su memoria, fue condenado a muerte y

conducido al cadalso en medio de una inmensa multitud. Sube al tablado, el verdugo le ata a la plancha de la guillotina, bascula ésta, cae la cuchilla y Maury siente cómo su cabeza queda separada del tronco. En este momento despierta presa de horrible angustia y encuentra que una de las varillas de las cortinas de la cama ha caído sobre su garganta análogamente a la cuchilla ejecutora (1973: 364).

A esse sonho, Freud agrega outros três, que apresentam no fim da cena o ruído badalante e longo de um sino de igreja, para o primeiro, um tilintar prolongado de sinos de coleiras de cavalos, para o segundo, e o ruído do estilhaçamento demorado de uma pilha enorme de pratos que se espatifam no chão, derrubados por uma empregada, todos eles com a cenografia bem rica, característica dos sonhos. Enfim, os três sonhos são despertados pelo ruído estridente justamente do relógio-despertador.

Ora, nos quatro sonhos há uma captação exteroceptiva feita pelo corpo, pelo ouvido aqui, pela sensação de choque da vareta da cortina caída ao pescoço ali. É essa a exterocepção *significante*? O que *decide* o sentido desses sonhos, de onde ele *advém*? É o ruído físico exteroceptivo do despertador ou a semiocepção fisgada na cena onírica que conta ao mundo da significação, e ao mundo da semiótica?

Entendida pois como operação de fisgamento instituidor do sentido —englobando conjuntamente, sem hierarquia de antecedência ou de suplência o tripé «ceptivo» (intero-extero e proprioceptivo), a semiocepção seria o termo de cobertura para, digamos, a percepção/cognição semioticamente informadas; acarretando ainda o *engajamento total* do sujeito, ou de seu corpo-próprio, suas pré-disposições —sua «disposibilidade» (Lemelin) — sua sensibilidade, tensividade, existência e competência modais, como também suas moções pulsionais e patologias decorrentes (*cf.* adiante)— o conceito ou a operação de *semiocepção* não teria necessidade de ser postulada como fator de homogeneização da existência semiótica, nas «precondições» do sentido, nem ter o encargo «demiúrgico» de fabricar uma equivalência formal entre estados de coisa e estados de alma. Em vez disso, ela se apresentaria melhor como uma *decisão* do tipo «tudo ou nada», ou

existência semiótica ou existência a-significante. A semiocepção seria não uma operação de homogeneização, mas de *metamorfose radical*, na acepção de raiz do sentido, uma transformação fundante do universo do sentido, mutação ou «catástrofe» qualitativa, que transporta —no sentido *metáfora*— os estados de coisa do real a-significante, para os estados de alma da realidade mental (ou psíquica) significante.

4. PULSÕES: ESSAS DESCONHECIDAS

Seja qual for a dificuldade de estabelecer as condições do limiar mais «baixo» das primeiras oscilações da semiose, o painel das propostas, brevemente apresentadas acima, permite detectar algo inusitado. A ancoragem do sentido, deslocada do texto (verbo), ou do sujeito «de papel», para o corpo-próprio, sujeito «de carne»; a direção inaugurada em vias de uma «semiótica decididamente encarnada» —como se expressa Landowski (1996: 33)—, atrai o campo de exercício e de reflexão semiótica mais e mais para um espaço da *cepção*, espaço de primeiras somações do sentido, que a psicanálise reivindica com prioridade como sendo o das *pulsões* inconscientes. Nessa altura das coisas, a psicanálise, ou mais propriamente a metapsicologia, mal visitada até hoje, esquecida pela semiótica, desdenhada, recalcada ou ignorada —não importa tanto aqui as variantes—, torna-se inevitável.

Sem precisar remontar em minúcias a história do profundo desconhecimento, que é mútuo, entre as duas disciplinas, desde a época do auge do estruturalismo, nos anos 60, diria que os semioticistas herdaram de Greimas, e da semiótica por ele criada, como espólio cognitivo, não apenas um certo tônus de *rivalidade teórica* —até certo ponto justificável naqueles anos, quando as disciplinas estruturalistas nascentes competiam por um papel de domínio⁴— mas também herdaram, como espólio tímico, uma forte tensão disfórica que se produziu em Greimas, frente a Lacan. M. Arrivé, em suas homenagens a Greimas, relembra que este “não gostava” de Lacan, a quem jamais tivera perdoado o suicídio de Lucien Sebag —então em análise com o mestre francês—, suicídio ocorrido justo na ocasião em que o semioticista

pretendia fazer um seminário em conjunto com ele para, ironia das coisas, “estabelecer a junção entre antropologia, semântica e psicanálise” (Entrevista de Greimas a F. Dosse (1991: 261-2)).

Foi portanto sob o signo de uma rivalidade teórica e de uma timia disfórica que os semioticistas da escola de Greimas, em sua maioria, absorveram a (não-)relação semiótica e psicanálise. Resultado disso, ainda a persistir hoje, regra geral, foi que a semiótica se construiu *impermeável* à entrada de conceptualizações metapsicológicas da psicanálise, impermeável às “idéias dos outros” ou “informações heurísticas de segunda mão” (*cf. atrás*) das suas propostas, mais que isso, impermeável também à incorporação da própria *fenomenologia* do campo psicanalítico, mais decisiva, ao ver de Freud, para a mobilização do registro do sentido no inconsciente, isto é, fenômenos como os da condensação, deslocamento, recalque, denegação, sublimação, identificação, transferência, enfim, todas as «moções pulsionais» prevalentes no campo psi.

É deveras pouco reconfortante admitir que o campo psicanalítico tenha sido barrado à porta, que seja ainda um campo praticamente desconhecido dos semioticistas ou, para retomar uma observação bem justa de M. Arrivé —embora referida à lingüística—, que nós conduzimos nossos discursos em “total desconhecimento do inconsciente” (1994: xx). Poucos são os semioticistas hoje, que se dão ao trabalho de tentar entrar mais a fundo no campo psicanalítico. M. Arrivé, sem dúvida, figura na proa⁵. É difícil imaginar o que teria sido um seminário em conjunto entre L. Sebag e Greimas para estabelecer alguma «junção» entre as duas disciplinas. Desde as poucas vezes em que o semioticista se referiu à psicanálise em seu *Sémantique structurale* e, posteriormente, no *Dictionnaire*, junto com J. Courtés, as observações foram o mais das vezes críticas e depreciativas, sobretudo quanto à metodologia e estilo metafórico de manuseio dos conceitos, pelos discípulos freudianos (Lacan inclusive). Mesmo assim, o teor das críticas já apresentava indicadores de que, M. Arrivé o confirma, Greimas era “um leitor assíduo e lúcido de Freud” (1993: 15)⁶.

De toda forma, o que se constata, desde os anos 70, é que Freud foi o grande esquecido na montagem da semiótica das paixões. Na forte reflexão epistemológica de abertura do *Sémiotique des passions*, justamente vinda para reorientar as pesquisas do nível profundo, das precondições do sentido, protensivas, valenciais, vetoriais, energéticas, aferivas, enfim, o mais próprio do proprioceptivo do corpo – região de energia fórico-tímico-afetiva que faria qualquer psicanalista atento vibrar de contentamento: «finalmente os semioticistas descobriram a pulsão!» –, nenhuma concessão é feita à pulsão, junto com seu criador. Por sua vez, não contaria muito levar em consideração um pequeno e antigo texto de Cl. Zilberberg (1976), não mais de três páginas, como primeiro rastreamento para as paixões no campo da psicanálise. Mesmo porque, posteriormente, o próprio autor, desta feita juntamente com Fontanille – num livro audacioso, a merecer o elogio de *La refonte de la sémiotique*, por J.-M. Lemelin – se encarregaria de nuançar qualquer aproximação maior com a psicanálise, sob o argumento da carência de tratamento por Freud da noção de *paixão*, e de recusar qualquer «reconhecimento indireto» das paixões nas pulsões, sob o argumento de que “o destino das pulsões se desdobra à margem das modalidades que definem os sujeitos, quando não mesmo contra elas” (1998: 221). Como se vê, qualquer diálogo ficou abortado, a meu ver, precoce e brutalmente.

Constatemos pois que na montagem da semiótica das paixões criamos um diálogo profícuo, mesmo se bastante crítico e atento, com a filosofia. O diálogo mais engajado foi, sem dúvida, com os poetas, críticos, literatos e historiadores (Valéry, Proust, Eluard, Wölfflin), até mesmo a psicologia ganhou seu quinhão (Th. Ribot). Apenas Freud e sua psicanálise ficaram excluídos desse concerto. E havia uma grande vantagem freudiana perante os outros: suas proposições não vinham da introspeção solipsista – por fecundas que estas sejam –, mas da leitura e escuta empírica dos discursos-em-ato, os mais diversos e pregnantes, dos seus pacientes, mais que isso, no extremo limite em que a enunciação tem o corpo engajado, *presente*, onde o corpo não apenas *diz*, mas imediatamente *sofre* daquilo que diz, onde as timias do sentido, enfim, revelam seu mais alto grau de afetação, isto é, nas *patho-logias*. Talvez

não haja na história da humanidade pensador que tenha mergulhado mais fundo na *alma* humana do que o vienense, em que pesem todas as fragilidades das conceptualizações e metáforas energéticas ou hidráulicas da sua reflexão pioneira. E, no entanto, estamos construindo uma teoria dos «estados de alma» à margem das suas descobertas, na ignorância quase completa sobre uma possível *semiopia pulsional* a comandar, talvez, todas as nossas interações discursivas, nossas semiocepções, ainda quando à revelia, «inconscientemente».

Bem entendido, as observações acima não implicam julgamento, mas constatação; não implicam em subestimar pesquisas semióticas que se desenham nas proximidades do campo psicanalítico (I. Darrault e outros). Quero apenas enfatizar – e reitero aqui algo que já manifestara numa comunicação no Congresso de Semiótica em Barcelona e Perpignan, em 1989 – que “há de fato muito mais coisas que se podem extrair nas conceptualizações da psicanálise do que aquilo que já tentou-se fazer: segundo Lacan, há muito mais coisas na alíngua (*lalangue*) do que o sabe a linguagem” (Beividas, 1989: 5).

De toda a forma, não seria justo deixar de reconhecer também que aproximações mais estimulantes vêm se anunciando no horizonte, sobretudo quando vemos Fontanille reconhecer às pulsões, à libido e demais formas da energia psíquica o estatuto de “correlato psicológico” da intensidade passional da semiose (1998: 203), ou quando admite a tarefa de “construir” a colaboração interdisciplinar no terreno da dimensão afetiva do discurso sob a “base de hipóteses psicanalíticas” (1999: 65). Não seria justo, enfim, deixar de reconhecer, juntamente com J.-M. Lemelin, que a semiótica “negocia” atualmente com a psicanálise:

Sobretudo desde *Sémiotique des passions* a dúvida da semiótica para com a fenomenologia é incomensurável; as referências a Husserl, a Cassirer e a Merleau-Ponty multiplicaram-se, no próprio Greimas, em Coquet, em Petitot, em Zilberberg e em Fontanille. Os conceitos fundamentais da semiótica são fenomenológicos: presença, campo, horizonte, profundidade, intencionalidade,

percepção, estesia, etc. Que a fenomenologia em última instância seja ou não uma onto-teologia, isto é, uma metafísica, não vem aqui ao caso; importa antes a questão de seu estatuto de metapsicologia, naquilo que escapa justamente de toda psicologia, social ou outra. ("La sémiotique du discours" (2000) texto em *home-page*. Itálicos meus).

Só tenho a me solidarizar com tais alentos. Desde os temas trabalhados por ocasião da preparação de minha tese de doutoramento, concluída em meados de 1991, agora publicada (2000a), venho tentando estabelecer algumas condições prévias a um diálogo entre semiótica e psicanálise (Cf. Beividas, 1986, 1987, 1995, 1996, 1999, 2000a e b). Sem querer camuflar ou minimizar por nada a dificuldade geral do empreendimento, venho tomando por estratégia o conselho de Greimas, dado numa reunião da Unesco, em 1987. Sugeriu que a melhor maneira de imaginar alguma interdisciplinaridade era a de uma *pesquisa de comparabilidade*: «a comparabilidade de problemáticas, ou seja, (...) uma aproximação trans-metodológica das disciplinas, visando extrair, num primeiro tempo, *espaços problemáticos comuns*, a partir dos quais emergiria progressivamente a necessidade de um instrumento metodológico coordenador» (1995: 124. Itálicos meus). Não é simples estimar o tempo de pesquisa para extrair tais espaços problemáticos comuns. Menos fácil ainda, e talvez até utópico, é imaginar algum instrumento metodológico que consiga a proeza da «coordenação». Afinal, mesmo no campo da cognição, não abrimos mão de nossas porções animais a delimitarmos, com fúria etológica, as cartografias regionais desses espaços.

Não obstante isso, imagino que, na investigação das *comparabilidades das problemáticas* dos campos, tenhamos ao menos um primeiro ganho: a progressiva atenuação ou eliminação dos preconceitos de uma disciplina por relação à outra, pré-conceito que nada mais quer dizer senão falta de domínio na conceptualização nuclear da outra disciplina. A serem de alguma maneira «integrados», num universo tímico comum, os campos das pulsões (e suas patologias) e das paixões, haveria certamente uma bela partida a ser jogada pela se-

miótica e pela psicanálise, quem sabe, enfim, (re-)conciliadas na reflexão metapsicológica.

NOTAS:

- ¹ A formulação mais incisiva, no entanto, fora dada por primeiro numa conferência, em 1973, no Brasil: "*hors du texte, point de salut. Tout le texte, rien que le texte e rien hors du texte*" (Greimas, 1974: 25).
- ² Fontanille prolonga a reflexão distribuindo-a numa semiiose «emergente», semiiose «enunciante» e semiiose «enunciada», cada qual responsável por uma parcela ou momento (incoativo, durativo e terminativo) do ato semiótico (1999: 8).
- ³ Todos os itálicos do parágrafo são meus.
- ⁴ Nenhuma delas queria ser «devorada» pela outra, nem a semiótica pela antropologia ou pela psicanálise, nem a antropologia pela semiótica, nem a psicanálise pela lingüística, enfim, nem a semiologia por nenhuma das anteriores, e vice-versa. Era o momento de certa demarcação «etológica» de terrenos, à maneira mais naturalista dos animais predadores.
- ⁵ Mas outros pesquisadores merecem lembrança: J.-C. Coquet, J. Petitot, I. Darrault, P.-A. Brandt, sobretudo ultimamente J.-M. Lemelin, de certo para ser injusto com alguns outros aqui não lembrados. Mas de modo geral, fazem uso pontual, em pequenas doses, de alguns conceitos da psicanálise. Não propõem uma experiência teórica mais ampla de comparabilidades ou confrontações.
- ⁶ No ano de 1999, numa das sessões do Seminário Intersemiótico, dirigido por J. Fontanille, em conversa breve e casual com Teresa Keane, fiquei sabendo que, pouco antes de morrer, Greimas preparava, juntamente com ela, uma análise semiótica da *Interpretação dos sonhos* de Freud (à maneira do *Maupassant?*). O material permanece inédito. Seria extremamente interessante a sua publicação para termos melhor idéia da relação entre o semioticista maior e o criador da psicanálise.

REFERÊNCIAS:

- ARRIVE, M. (1993) "Souvenirs scientifiques et autres sur A. J. Greimas", *Nouveaux Actes Sémiotiques* (25), Limoges: Pulim: 13-23.
- _____. (1994) *Lingüística e psicanálise. Freud, Saussure, Hjelmslev, Lacan e os outros*. São Paulo: Edusp.
- _____. (1999) *Linguagem e psicanálise. Lingüística e inconsciente. Freud, Saussure, Pichon, Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar.

- BEVIDAS, W. (1983) "O sentido e a forma na estrutura do signo", *Alfa* (27). São Paulo: Unesp: 9-22.
- _____ (1986) "Os conceitos semióticos de abdução e catálise e a escuta clínica na psicanálise", *Cruzeiro Semiótico* (4), Porto: Associação Portuguesa de Semiótica: 5-11.
- _____ (1987) "Semiótica e Psicanálise: convergências", *Linguagens* (2). Porto Alegre: Associação Brasileira de Semiótica-Regional Sul: 67-76.
- _____ (1989) «Sémiotique et psychanalyse: préalables à une rencontre», *Comunicação no Congresso de Barcelona-Perpignan*, 24 p. (inédito).
- _____ (1995) "A construção da subjetividade: pulsões e paixões" in Oliveira, A. C. e Landowski, E. *Do inteligível ao sensível. Em torno da obra de Algirdas Julien Greimas*. São Paulo: Educ: 169-179.
- _____ (1996) "Do sentido ao corpo: semiótica e metapsicologia" in Silva I. A. (org) *Corpo e Sentido. A escuta do sensível*. Araraquara: Unesp: 119-133.
- _____ (1999) «O excesso de transferência na pesquisa em psicanálise», *Psicologia: Reflexão e Crítica*, vol. 12 (3). Porto Alegre: CPG-Psicologia/UFRGS: 661-679.
- _____ (2000a) *Inconsciente et verbum. Psicanálise, semiótica, ciência, estrutura*. São Paulo: Humanitas-FFLCH/USP.
- _____ (2000b) «Semiótica e psicanálise: o gerativo e o genético» in Pino, D. (org). *Semiótica: olhares*. Porto Alegre: Edipucrs: 33-43.
- CASTELLANA, M. (1998) «La peur et l'invisible», *Nouveaux Actes Sémiotiques* (57). Limoges: Pulim.
- DOSSE, F. (1991) *Histoire du structuralisme I. Le champ du signe, 1945-1966*. Paris: La Découverte.
- FONTANILLE, J. (1989) «Les passions de l'asthme» *Nouveaux Actes Sémiotiques* (6). Trames: Université de Limoges.
- _____ (1992) «Des états de choses aux états d'âme (suite)», *Nouveaux Actes Sémiotiques* (20). Limoges: Pulim: i-viii.
- _____ (1998) *Sémiotique du discours*. Limoges: Pulim.
- _____ (1999) *Sémiotique et littérature. Essais de méthode*. Paris: PUF.
- _____ / ZILBERBERG, CL. (1998) *Tension et signification*. Sprimont-Belgique: Mardaga.
- FREUD, S. (1973) «A interpretação dos sonhos», *Obras Completas de Sigmund Freud v.I*. Madrid: Biblioteca Nueva: 343-720.
- GREIMAS, A. J. (1966) *Sémantique structurale*. Paris: Seuil.
- _____ (1974) "L'énonciation", *Significação. Revista Brasileira de Semiótica*. Ribeirão Preto: C.E.S.: 9-25.
- _____ (1983) *Du sens II. Essais sémiotiques*. Paris: Seuil.
- _____ (1987a) *De l'imperfection*. Paris: Pierre Fanlac.
- _____ (1987b) "Mis à la question" in Arrivé, M. et Coquet, J.-C. (eds) *Sémiotique en jeu*. Paris-Amsterdam-Philadelphia: Hatès-Benjamins: 301-330.

- _____ (1995) "Novos desenvolvimentos nas ciências da linguagem" in Oliveira, A.C. e Landowski, E. (eds.) *Do inteligível ao sensível*. São Paulo: Educ: 115-25.
- _____ et COURTES, J. (1979) *Sémiotique. Dictionnaire raisonné de la théorie du langage*. Paris: Hachete Université.
- _____ et FONTANILLE, J. (1991) *Sémiotique des passions. Des états de choses aux états d'âme*. Paris: Seuil.
- LEMELIN J.-M. «La refonte de la sémiotique. Fontanille et Zilberberg»; «Métabiologie et métapsychologie»; «Les états de la sémiotique Greimas, Fontanille et Zilberberg.» «La sémiotique du discours» in <http://www.ucs.mun.ca/~lemelin/etudes.html>.
- Marrone, G. (2000) «Le corps de la nouvelle» *Nouveaux Actes Sémiotiques* (68,69,70). Limoges: Pulim.
- MORENO, L. R. (1999) «Procesos de perceptivización» *La percepción puesta en discurso. Tópicos del Seminario* (2). Puebla: Mexico: 9-30.
- OUELLET, P. (1992) «Signification et sensation» *Nouveaux Actes Sémiotiques* (20). Limoges: Pulim: 1-33.
- PETITOT, J. (1985a) *Morphogenèse du sens*. Paris: PUF.
- _____ (1985b) "Les deux indicibles, ou la sémiotique face à l'imaginaire comme chair" in Parret, H. et Ruprecht, H. G. (eds). *Exigences et perspectives de la sémiotique*. Amsterdam: John Benjamins: 283-305.
- _____ (1999) «Las nervaduras del mármol». *La percepción puesta en discurso. Tópicos del Seminario* (2). Puebla: Mexico: 121-148.
- ZILBERBERG, CL. (1976) «Les passions chez Freud» *Actes Sémiotiques-Bulletin* (9). Paris: GRSL: 46-48.